

FIM DO IMPÉRIO SOVIÉTICO: UM PROCESSO INTERNO COMEMORADO COMO EXTERNO

Rafael Teruel Holtz de ALMEIDA¹

Prof. Esp. Carlos Alberto Fumio HAYASHI

RESUMO

O século XX viveu por períodos de grandes tensões, conflitos bélicos e ideológicos, fim de impérios, surgimento de nações e estabelecimento de duas superpotências dividindo o mundo entre duas esferas de influência antagônicas: a esfera capitalista liderada pelos EUA e a esfera socialista liderada pela URSS. Em 1917, em meio a uma guerra mundial, ocorre a Revolução Russa, pondo um fim a Dinastia Romanov², e ascensão de um governo socialista. Poucos anos depois, é criada uma união iniciada por quatro republicas e no seu fim de quinze, que juntas formavam a União das Republicas Socialistas Soviéticas, um sonho de uma "ditadura do proletariado" idealizado por Karl Marx e adaptado por Lenin a realidade da Rússia do início do século XX e posteriormente readaptada por Stalin. Essa superpotência que tanto influenciou a geopolítica mundial teve seu fim após apenas 69 anos de existência, sendo criada em 1922 e desintegrada em 1991 após tentativas fracassadas em tentar reformar o sistema econômico e social dessa nação. Nesse artigo proponho compreender o processo que levou ao fim desse império que foi a União Soviética, mostrando as forças externas e especialmente internas que levaram ao seu fim. O Artigo foi elaborado utilizando de fontes bibliográficas, a fim de poder concluir o que realmente levou a esse processo de desintegração.

PALAVRAS-CHAVE:

URSS, Perestroika, Gorbachev, Bush.

1. Introdução

No dia 25 de dezembro de 1991 o canal CNN transmitia ao vivo o discurso de renúncia do então presidente da URSS, Mikhail Gorbachev³, no qual lamentava as repercussões das reformas que havia iniciado em 1985, repercussões estas que levaram ao colapso da URSS e a

¹ Graduando em História nas Faculdades Integradas Regionais de Avaré. E-mail: RTHA1991@gmail.com

² A Dinastia Romanov foi uma família nobre que governou a Rússia por mais de 400 anos, sendo o último representante da dinastia Nicolau II, que após desastrosas tentativas de acomodar as situações sociais e políticas da época, acabou sendo forçado a abdicar, e posteriormente executado com sua família.

³ Mikhail Gorbachev é uma das traduções possíveis do nome do ex-presidente da URSS, mas na historiografia é possível encontrar seu nome traduzido como Mikhail Gorbachev, Mikhail Gorbachev, Mikhail Gorbachev.

criação da Comunidade dos Estados Independentes⁴, segundo ele, fato esse decisivo para sua renúncia.

Naquele mesmo dia, sem demora, o presidente George H. W. Bush, presidente dos Estados Unidos da América, fez um discurso televisionado, no qual agradeceu a Gorbachev pelo legado deixado pelas suas ousadas reformas, pontuou os passos para o processo da “construção de um futuro mais próspero”, se colocando como detentor da manutenção da paz mundial e com certo oportunismo se colocou como vitorioso na luta contra o comunismo declarando que “todo americano podia se orgulhar dessa vitória”. Mas ao mostrar certa indiferença pelo processo interno que passou a URSS que culminou no seu fim e transmitir a ideia de protagonista, causava uma contradição em antigas declarações do governo que o fim da Guerra Fria⁵ havia terminado em cooperação com Gorbachev e não em um confronto com ele. Serhii Plokyh analisa esse comportamento como uma forma de se aproveitar desse momento histórico de grande júbilo para os americanos para promover sua reeleição;

O discurso de Natal se apartou consideravelmente do modo como Bush e os membros de seu governo tratavam o então parceiro soviético e da visão que tinham de sua própria capacidade de influenciar os desdobramentos na União Soviética. Embora Bush e seu assessor de segurança nacional, o general Brent Scowcroft, tivessem feito questão de dizer publicamente, durante boa parte de 1991, que sua influência era limitada, agora, repentinamente, passava a creditar a si mesmos o tão extraordinário desenvolvimento da política interna soviética. Essa interpretação nova, nascida em plena campanha de Bush pela reeleição, gerou uma narrativa pública influente, se não dominante, do fim da guerra fria e da emergência dos Estados Unidos como única superpotência mundial. Essa narrativa, em grande parte mítica, vinculou intimamente o fim da Guerra Fria ao colapso do comunismo e à desintegração da União Soviética. E, o que é ainda mais importante, tratou esses desdobramentos como um resultado direto da política estadunidense e, aliás, como importantes vitórias americanas. (PLOKHY, 2015, p.15)

Essa conjectura exposta que vinculou o fim da Guerra Fria ao colapso do comunismo e à desintegração da União Soviética, superestimando a importância da interferência do governo americano se mostra errônea quando se analisa a história da URSS num olhar imparcial.

⁴ CEI: Comunidade dos Estados Independentes é uma organização que foi formada por onze das ex-repúblicas da URSS (Armênia, Azerbaijão, Bielorrússia, Cazaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Turcomenistão, Ucrânia, Uzbequistão), mas que desde 2005 Turcomenistão e 2018 a Ucrânia, não fazem mais parte do bloco. Foi criada em 21 de dezembro de 1991 com o tratado de Alma-Ata com o intuito de criar um sistema econômico e de defesa entre as nações.

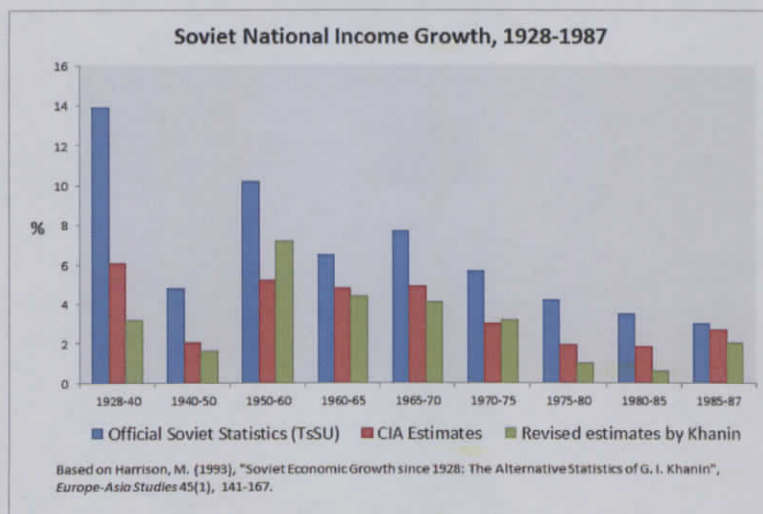
⁵ Guerra Fria foi a designação atribuída ao período histórico de disputas estratégicas e conflitos indiretos entre os Estados Unidos e a União Soviética, disputando a hegemonia política, econômica e militar no mundo.

2. Eras Notáveis da URSS

As primeiras décadas da existência da URSS foram de grandes avanços, com um governo centralizador e uma economia planificada, com seus planos quinquenais os soviéticos tiveram ótimos índices de crescimento econômico, especialmente na área de produção indústria, como analisado por Valentine Katassonov;

Em 1913, o peso da Rússia na produção industrial mundial era de cerca de quatro por cento. Em 1937 já representava dez por cento. Em meados dos anos 70 este indicador elevou-se para 20 por cento e manteve-se neste nível até ao início da perestroika. Na história da União Soviética os períodos mais dinâmicos foram os anos 30 e os anos 50. O primeiro período foi o da industrialização, conduzida nas condições da «economia de mobilização». Em meados dos anos 30, a URSS tornou-se o primeiro país da Europa e o segundo no mundo em termos de produção industrial, apenas atrás dos EUA, mas muito à frente da Alemanha, da Grã-Bretanha e da França. Em três quinquênios incompletos foram construídas 364 novas cidades, erguidas e colocadas em funcionamento nove mil grandes empresas, o que é um número colossal: cerca de duas grandes empresas por dia! (KATASSONOV, 2014, p.01).

Apesar desse crescimento ter grande expressividade na área industrial, a nação como um todo economicamente cresceu como demonstrado nessa tabela, contendo as estimativas da estatísticas Soviéticas oficiais, CIA⁶ e de Khanin, sobre o crescimento da renda nacional.



Pode se observar bons índices de crescimento, mesmo por estimativas mais modestas como a da CIA e de Khanin, especialmente nas primeiras décadas da sua fundação.

⁶ CIA: "Agência Central de Inteligência", é a agência de inteligência dos Estados Unidos, responsável por fornecer informações relativas à segurança nacional. Tem funções de espionagem e atividades, operações secretas em todo o globo, afim dos interesses americanos.

⁷ Tradução do título do gráfico: "Crescimento Econômico Soviético desde, 1928-1987"

Outra área que se faz necessário mencionar é a tecnológica. Em 1945 os EUA demonstravam a mais nova arma de destruição em massa, usada contra os Japoneses, pois fim a segunda Guerra Mundial. Mas essa tecnologia logo foi desenvolvida pelos soviéticos, sendo a URSS a segunda nação no mundo, antes mesmo dos Ingleses e Franceses, a ter a temida bomba atômica.

Também uma área de grande relevância, levando em parâmetro mundial, foi a da aeroespacial. Os soviéticos estavam na vanguarda no que se diz a respeito. Após o fim da segunda guerra mundial, americanos e soviéticos confiscaram a tecnologia nazista, entre ela, o foguete V-2, dando início a uma corrida espacial, onde os soviéticos, de início, despontaram na frente, sendo os primeiros a levar animais ao espaço, no caso dois cachorros, e mantê-los vivos ao retornarem, foram os primeiros a levar satélites em órbita, o famoso Sputnik, foram os primeiros a realizar as incríveis façanhas de levar um objeto criado pelo homem a outro corpo celeste, no caso, a lua e a levar um ser humano ao espaço, Iuri Gagarin, em 1961. A situação chegou ao ponto do presidente John F. Kennedy ⁸em um discurso na ONU, em 1963, oferecer a URSS um acordo para realizar esforços em conjunto na exploração do espaço, afim de pôr fim a corrida espacial e assim economizar recursos, mas Nikita Khrushchev ⁹ recusou o convite.

Todos esses feitos mostram o quão desenvolvida tecnologicamente a URSS esteve perante o mundo naquele período.

Tudo isso é surpreendente, os avanços econômicos, industriais e tecnológicos, levando em conta que em poucas décadas atrás a Rússia ¹⁰ era uma nação semifeudal, rural e atrasada substancialmente das outras nações desenvolvidas.

3. Era da Estagnação

Mas a partir de meados da década de 1970 sobe o governo de Brejnev ¹¹ a URSS viveu um período de estagnação.

⁸ John F. Kennedy foi presidente dos Estados Unidos, no período de 1961-1963, que teve um fim trágico, ainda durante seu mandato, foi assassinado ao ser baleado na cabeça em Dallas.

⁹ Nikita Khrushchev era Secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética durante a maior parte do período da corrida espacial. Ele ocupou o cargo de 1953-1964.

¹⁰ Foi na Rússia onde ocorreu a revolução que instalaria a gênese do que seria a URSS, e esta república era de longe a mais preponderante dentro das que compunham a URSS.

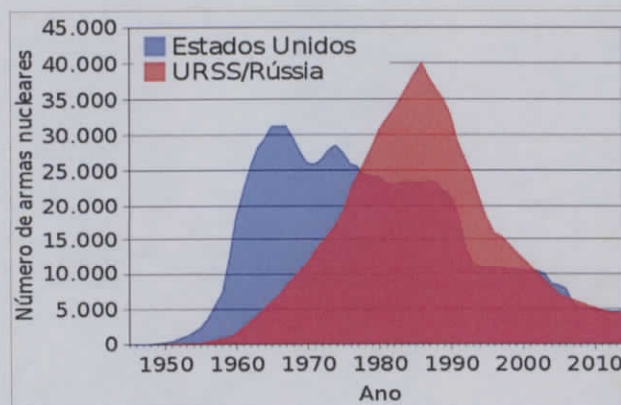
¹¹ Leonid Brejnev: Secretário-geral do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, cargo máximo do governo da URSS. Ocupou este cargo de 1964 até 1982 com seu falecimento.

A diminuição no ritmo da economia soviética era palpável: a taxa de crescimento de quase tudo que nela contava, e podia ser contado, caiu constantemente de um período de cinco anos para outro após 1970: produto interno bruto, produção industrial, produção agrícola, investimento de capital, produtividade de trabalho, renda real per capita. Se não estava de fato em regressão, a economia avançava no passo de um boi cada vez mais cansado. Além disso, muito longe de se tornar um gigante do comércio mundial, a URSS parecia estar regredindo internacionalmente. (HOBBSAWM, 1995, p.456)

Após a crise do petróleo de 1973¹², a URSS se viu beneficiada com suas grandes reservas de petróleo e gás natural ao ter seu preço multiplicado, esse fato permitiu uma nova perspectiva para economia soviética que já se mostrava em processo de desaceleração, mas em vez de utilizar desse capital para modernizar e reestruturar sua cadeia produtiva o governo se acomodou em ser uma exportadora de energia para nações desenvolvidas do ocidente. Aos poucos a pujante economia soviética de outrora invertia seu papel de produtora e exportadora de artigos de consumo industrial, maquinário, equipamentos, meios de transporte entre outros, para consumidora, importando tais artigos, modificando seu perfil econômico e se restringindo em basicamente ser uma exportadora de energia.

4. Fardo Militar

Outro fator importante para seu declínio econômico foram os grandes gastos na área militar, num contexto de Guerra Fria, os soviéticos submetiam a um fardo econômico para se manter equiparado militarmente aos EUA, até mesmo o superando em determinados quesitos, como na quantidade de ogivas nucleares em estoque, como observado no gráfico:



¹² Numa retaliação ao apoio dado a Israel na Guerra do Yom Kippur, os países pertencentes a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) induziram a elevação do preço do petróleo, alcançando 400% de inflação do preço do barril, indo de 3 dólares para 12 num período de apenas 6 meses.

Numa disputa que tratava de dois blocos de países parceiros no comprometimento de proteção mutua (OTAN¹³ e Pacto de Varsóvia¹⁴) os Soviéticos tinham que se esforçar mais, proporcionalmente falando, para manter esse equilíbrio, levando em conta que o PNB¹⁵ soviético represava cerca de 60% do americano e enquanto seus gastos alcançaram os incríveis 18% do total. O que se via era um aumento percentual dos gastos militares superior ao percentual do crescimento do PNB.

O período 1966-70 viu novamente uma rápida aceleração nos gastos militares. Os aumentos dos gastos militares em quantias absolutas nem sempre correspondem aos aumentos em percentagem de PNB, pois estes dependem de quão rapidamente cresce o produto nacional bruto do país: o mesmo aumento em termos absolutos representará diferentes proporções do PNB em épocas de crescimento mais rápido ou mais lento da economia como um todo. As décadas de 70 e 80 representam tendências diferentes, em termos de percentagem de PNB. Enquanto Lee vê os gastos subindo constantemente até atingir um auge de 18% do PNB em 1980 (último ano de suas estimativas), a CIA também vê uma percentagem alta do PNB sendo gasta em defesa, mas de forma relativamente constante durante todo o período, com um pequeno incremento na percentagem geral a partir de meados da década de 70. É importante notar que as estimativas da CIA sofreram diversas revisões ao longo do período. A questão que se colocava era a seguinte. A maioria das estimativas ocidentais apontava que o fardo militar estava atingindo proporções incrivelmente altas na década de 80, às vésperas da Perestroika, e isto numa época em que a economia soviética encontrava dificuldades de crescimento. (SEGRILLO, 1997, p. 96)

Esse cenário obviamente era insustentável, e a locação de recursos redirecionados ao campo militar provocou um déficit em outros segmentos do governo, como na área social.

5. Paradoxo do Social

Um paradoxo estava se formando: a Revolução Russa, que havia posto um fim a aristocracia e seus privilégios, que aumentavam a lacuna social e produzia péssimas condições sociais para o povo comum, e instalado um governo socialista que tinha como prerrogativa a melhora nas condições sociais e uma nação sem divisões de classes, estava fracassando em seu objetivo, o que se via era uma estagnação dos índices sociais, e esses inferiores a países onde o proletariado não havia tomado poder.

¹³ OTAN: Organização do Tratado do Atlântico Norte é uma aliança política e militar, criada em 1949. Formada atualmente por 29 nações independentes. Todos os Estados membros se comprometem a proteção mutua caso haja uma ameaça de qualquer entidade externa a organização.

¹⁴ O Pacto de Varsóvia, foi uma aliança militar criada em 1955 com o intuito de contrapor a OTAN. Era formada pela URSS e países do leste europeu, com o objetivo de proteção mutua em caso de agressão externa ao bloco.

¹⁵ PNB (Produto Nacional Bruto) é um indicador de atividade econômica de uma nação. Diferente do PIB (Produto Interno Bruto) o PNB inclui os rendimentos obtidos pelos cidadãos e pelas empresas no exterior.

Na verdade, na década de 1970 era claro que não só o crescimento econômico estava ficando para trás, mas mesmo os indicadores sociais básicos, como o da mortalidade, estavam deixando de melhorar. Isso minou a confiança no socialismo talvez mais que qualquer outra coisa, pois sua capacidade de melhorar a vida da gente comum através de maior justiça social não dependia basicamente de sua capacidade de gerar maior riqueza. O fato de a expectativa de vida na URSS, Polônia e Hungria permanecer quase imutada durante os últimos vinte anos antes do colapso do comunismo — na verdade, de vez em quando chegava a cair — era causa de séria preocupação, pois na maioria dos outros países ela continuava a subir (incluindo, deve-se dizer, Cuba e os países comunistas asiáticos sobre os quais dispomos de dados). Em 1969, austríacos, finlandeses e poloneses podiam esperar morrer na mesma média de idade (70,1 anos), mas em 1989 os poloneses tinham uma expectativa de vida cerca de quatro anos mais curta que os austríacos e finlandeses. (HOBSBAWM, 1995, p.457)

6. Política interna

Nesse espectro econômico e social desastroso que caminhava a URSS, havia outro ponto que agrava a situação do império, era a situação da sua política interna, um sistema parasitista, corrupto e ineficiente onde os integrantes da cúpula, desde o alto escalão até nas partes mais distantes da cúpula do poder se encontravam nessa situação degradante.

Por outro lado, o termo *nomenklatura*, praticamente desconhecido antes de 1980, a não ser como parte do jargão administrativo do PCUS, passou a sugerir precisamente a fraqueza da interesseira burocracia do partido da era Brejnev: uma combinação de incompetência e corrupção. E, na verdade, tornou-se cada vez mais evidente que a própria URSS operava basicamente por um sistema de patronato, nepotismo e suborno. (HOBSBAWM, 1995, p.458)

Em 1982 a era de Brejnev se finda com sua morte, mas a era da estagnação se prolonga por mais um período com sucessores moribundos, que no pouco tempo em que governaram, pouco resultado tiveram com suas fracassadas tentativas de mudanças, que de fato, pouco ou nada fizeram de relevante para modificar aquela situação. Mas em 1985, nesse contexto, com a morte de Konstantin Chernenko¹⁶, que o progressista Michael Gorbachev entra no poder, com uma visão ampla e honesta do todo, e com a certeza da necessidade de mudanças, ele traz novas ideias reformistas para a nação decadente.

¹⁶ Konstantin Chernenko foi Secretário Geral do Partido Comunista da URSS, que esteve à frente da União por pouco mais de um ano, de 1984 a 1985.

7. Uma reforma necessária

Michael Gorbachev, advogado de formação, “um reformista comunista obviamente apaixonado e sincero” (HOBBSAWM, 1995), que fazia parte da ala moderada do partido, entra no poder em 1985, com o desejo de modificar as questões econômicas e políticas que assolavam a nação e cunha os termos *perestroika* “reconstrução” e a *glasnost* “transparência”, referindo-se às novas diretrizes para economia e política respectivamente. Em seu livro “Perestroika, novas ideias para o meu país e o mundo”, Gorbachev relata suas motivações para a formulação desse plano.

A perestroika é uma necessidade urgente que surgiu da profundidade dos processos de desenvolvimento em nossa sociedade socialista. Esta encontra-se pronta para ser mudada e há muito tempo que anseia por mudanças. Qualquer demora para implantar a perestroika poderia levar, num futuro próximo, a uma situação interna exacerbada que, em termos claros, constituiria um terreno fértil para uma grave crise social, econômica e política. (GORBACHEV, 1987, p.15)

Dentro dessa nova proposta, na tentativa de salvar a URSS de um colapso, pois ele nunca desejou o fim da URSS, e ainda mais, acreditava na resiliência do povo soviético e na capacidade de renovar os alicerces do socialismo, Gorbachev interferiu e modificou as relações da economia e da política interna e externa.

7.1. Economia de mercado

Em 1921, Lenin disse a seguinte frase histórica “é preciso dar um passo atrás, para depois dar dois passos adiante”, quando ele disse essas palavras, ele se referia a uma mudança na política econômica, que até então vigorava o comunismo de guerra, mas para evitar um colapso na economia, introduziu novas diretrizes. A NEP¹⁷ era uma série de medidas capitalistas, como propriedade privada, a possibilidade de obter lucro de forma individual, e incentivando um empreendedorismo para salvar a economia, da mesma forma, agora, Gorbachev via uma saída para economia, por introduzir uma maior autonomia para as empresas e pessoas individuais.

¹⁷ NEP: Nova Política Econômica, programa econômico instituído por Lenin na primeira década de existência da URSS.

A autonomia das Empresas Estatais, segundo Gorbachev, foi discutida e examinada tecnicamente pelos órgãos de gestão da URSS. Consistia basicamente em conceder autonomia às empresas, através da privatização das estatais por distribuição de ações. Ele considera que o Estado deveria assumir um papel estratégico no sistema produtivo e as empresas de maneira autônoma o executariam. A lei das empresas, segundo ele, representava um estímulo interno para o autodesenvolvimento (Gorbachev, 1987, p.100-101). Esta reformulação, no entanto, é própria do modo de produção capitalista, baseada no direito à propriedade privada dos meios de produção. (NOVAIS, 2007, p.23)

Por transferir as funções administrativas do Estado para as empresas, se esperava um maior desenvolvimento técnico e maior lucro, pois os seus rendimentos dependeriam da sua eficiência em gerar lucros, pois até então, não havia tanta preocupação nesse quesito por parte dos trabalhadores, devido ao fato de que no antigo sistema, o Estado garantia o pagamento das despesas e as vendas da produção, assim a bonificação dos empregados não estava diretamente relacionada com sua produtividade.

7.2. Novas perspectivas na política interna

“Mais socialismo é mais democracia”, Gorbachev queria, ao seu juízo, voltar ao socialismo visionado por Lenin¹⁸, e o domínio do poder político e do governo concentrado nas mãos de um único partido, significava uma anomalia a ser resolvida, um problema para sociedade soviética que propiciava os problemas de corrupção e nepotismo. Com isso em mente, reconstituiu um Estado constitucional e democrático, permitindo o multipartidarismo, liberdade para aos cidadãos decidirem sobre seus representantes, e assim o poder teria realmente uma legitimidade para atuar.

O que tornava a situação pior era que, na mente dos reformadores, glasnost era um programa muito mais específico que perestroika. Significava a introdução, ou reintrodução, de um Estado constitucional e democrático baseado no império da lei e no gozo de liberdades civis como comumente entendidos. Isso implicava a separação de partido e Estado, e (ao contrário de todo acontecimento desde a ascensão de Stalin) a mudança do locus de governo efetivo de partido para Estado. Isso, por sua vez, implicaria o fim do sistema unipartidário e do “papel condutor” do partido. Também, obviamente, significaria revivescência dos soviets em todos os níveis, em forma de assembleias eleitas genuinamente representativas, que culminariam num Soviète Supremo, uma assembleia legislativa genuinamente soberana, que concederia poder a um Executivo forte mas seria capaz de controlá-lo. Essa, pelo menos, era a teoria. (HOBSBAWM, 1995, p.466)

¹⁸ Lenin foi um líder revolucionário e teórico político, que governou a Rússia e posteriormente a URSS, até a sua morte em 1924.

7.3. Política externa mais amigável

Na política externa, em 1988, Gorbachev instituiu uma nova doutrina, abandonando a antiga Doutrina Brejnev¹⁹, e instalando a que ficou conhecida por Doutrina Sinatra²⁰, uma nova política externa da URSS, com prerrogativa de não interferência, permitindo que cada república pudesse escolher democraticamente seu destino. Essa nova abordagem do Kremlin, agradou o ocidente, especialmente os EUA, permitindo uma maior aproximação, algo que fazia parte do planos de Gorbachev.

Gorbachev entendia que para superar a crise, e iniciar uma nova fase da União, era indispensável uma reaproximação com os Norte Americanos, e dentre seus planos estava que economicamente criassem laços econômicos, que por meio desses novos laços um maior senso de necessidade de entendimento entre as nações cresceria.

Além disso, os contatos econômicos fornecem bases concretas para uma *reaproximação* política. Os contatos econômicos criam interesses mútuos que ajudam na política. Se estimularmos nossas relações comerciais e econômicas e continuarmos com o intercâmbio cultural ora existente, mesmo que sejam mais vagarosos do que gostaríamos que fossem, poderemos aumentar a confiança entre nossos países. Porém, os EUA criaram muitos obstáculos no campo econômico. (GORBACHEV, 1987, p.262)

Dentro do seu projeto de reestruturação, estava em pôr um fim a Guerra Fria, situação que era muito onerosa, ainda mais para uma nação em crise econômica e que deixava a URSS isolada dos países ocidentais, desperdiçando oportunidades em desenvolver, em parceria, projetos comerciais, científicos, tecnológicos, culturais, dessa forma Gorbachev ansiava construir uma relação de confiança, por se propor em dar início a um desarmamento.

Este é o modo certo de abordar o tema da confiança. ... A confiança decorre de uma ação prática, incluindo esforços comuns para desenvolver os laços comerciais, econômicos, científicos, tecnológicos, culturais e outros. Ambas as partes devem trabalhar para parar a corrida armamentista e dar início ao desarmamento. Se trabalharmos em conjunto para resolver os conflitos regionais, nossa confiança mútua também irá se beneficiar. (GORBACHEV, 1987, p.263)

¹⁹ Doutrina Brejnev foi uma forma encontrada por Leonid Brejnev, de manter a união entre os Estados aliados da URSS, utilizando de coerção, um exemplo da Doutrina Brejnev posta em prática, foi a Primavera de Praga, em que os soviéticos utilizaram da sua força militar, para pôr fim às reformas que trariam maior democratização e liberdade ao povo tchecoslovaco.

²⁰ A Doutrina Sinatra, que recebeu esse nome em referência a música *my way* (meu caminho), numa alusão a nova posição, de não interferência e de respeito à democracia e no direito de autodeterminação das repúblicas socialistas.

Essa busca pela construção de uma confiança mútua, levando em conta o desarmamento, teve seu momento histórico em 8 de dezembro de 1987, mesmo ano a qual o livro foi publicado contendo esta citação, nesta data foi assinado pelo presidente Ronald Reagan e por Gorbachev, o acordo de redução dos arsenais nucleares, previa o desmonte, em três anos, de 2.800 mísseis. E ao final desse acordo, agora com o presidente Bush, em meados de 1991 o tratado START foi assinado, de forma geral, com os mesmo objetivos, de redução de arsenais.

Mais um grande marco dentro da política externa nesse período, foi a queda do muro de Berlim. Ao fim da Segunda Guerra Mundial, a Alemanha foi dividida em quatro partes, pelos vencedores, americanos, ingleses, franceses e soviéticos, estabeleceram zonas a qual cada um teria o direito e a responsabilidade dos cuidados administrativos, Berlim, capital da nação, igualmente fora dividida. Com o tempo duas Alemanhas surgiram, as três nações ocidentais devolveram o controle do território, para a formação da República Federal da Alemanha, a Alemanha ocidental, capitalista, e a República Democrática Alemã, a Alemanha oriental, regida pela política socialista e Berlim se manteve dividida. Para isolar aquela ilha capitalista em seu território e evitar fugas de seus cidadãos, Moscou decide em 1961 realizar a construção do que seria conhecido como muro de Berlim. Condizendo com os ideais da perestroika, e com sua nova doutrina, e respondendo o clamor de Reagan e dos cidadãos alemães, dos dois lados do muro, Gorbachev autoriza a derrubada em 1989, mostrando compromisso com seu projeto de democratização e da liberdade para os povos. Esse acontecimento foi um dos marcos para o fim da Guerra Fria e a queda da cortina de ferro, juntamente com o encontro em Malta, poucas semanas após a queda, onde Bush disse “A União Soviética não é mais nossa inimiga”.

8. Resultados infelizes

Diferente do que ocorreu no início do século com a introdução da NEP, onde houve um forte crescimento na agricultura, na indústria, comércio, a economia dessa vez não teve as mesmas respostas. Numa economia baseada no comando, a descentralização, causou uma certa desorganização institucional, tornando a economia uma anarquia e isso bateu de frente com a democratização que surgia.

O que levou a União Soviética com rapidez crescente para o precipício foi a combinação de *glasnost*, que equivaleria à desintegração de autoridade, com uma *perestroika* que equivalia a destruição dos velhos mecanismos que faziam a economia mundial funcionar, sem oferecer qualquer alternativa: e consequentemente o colapso cada vez mais dramático do padrão de vida dos cidadãos. O país avançava para uma política eleitoral pluralista no momento mesmo em que desabou em anarquia econômica: pela primeira vez desde o início do planejamento, a Rússia em 1989 não mais tinha um Plano Quinquenal (Di Leo, 1992, p.100n). Foi a combinação explosiva, porque solapou as rasas fundações da unidade econômica e política da URSS. (HOBSBAWM, 1995, p.468)

Com a economia abalada e com uma maior liberdade de expressão para as pessoas, grupos nacionalistas ganharam força em diversas repúblicas. A Lituânia, um dos três países Bálticos que havia sido incorporados a URSS após a segunda guerra, foi a primeira, no início de 1990 a declarar independência unilateralmente.

Foi nesse contexto que o ex-primeiro-secretário do Partido Comunista em Moscou, Boris Iéltsin²¹ ganha espaço no cenário político, como oposição ao governo de Gorbachev, e este enfraquecido pelo fracasso da perestroika e do plano dos 500 dias, abandonado pelos democratas, Gorbachev se aproxima do partido comunista.

Internamente havia suspeitas de alguns políticos para uma volta de um autoritarismo após Gorbachev organizar uma nova equipe de governo composto por integrantes do partido comunista e os da linha dura. Essas suspeitas se tornaram uma realidade em 19 de agosto de 1990, pegando o presidente desprevenido. Enquanto estava de férias na Crimeia, o partido deferiu um golpe de Estado, utilizando de argumentos mentirosos sobre a necessidade de uma instalação de um Estado de emergência pelo fato de problemas de saúde de Gorbachev. Essa farsa não durou muito, após três dias de pressão popular liderada por Iéltsin, que agora ocupava o cargo de presidente da Rússia, e por relutarem em usar de medidas mais enérgicas, os golpistas voltaram atrás, e desistiram do plano.

Os conspiradores nada tinham o que fazer senão mostrar sua mão de jogo, depois que Yeltsin, cercado por alguns milhares de seguidores vindos para defender seu quartel-general, desafiou os constrangidos tanques à frente do prédio, representando para as telas de televisão. Corajosamente, mas também em segurança, Yeltsin, cujos talentos políticos e capacidade de decisão contrastavam sensacionalmente com o estilo de Gorbachev, aproveitou logo a oportunidade para dissolver e desapropriar o Partido Comunista, e tomar para federação Russa o que restava dos bens da URSS, formalmente liquidada poucos meses depois. O próprio Gorbachev foi empurrado para o esquecimento. O mundo, que estivera disposto a aceitar o golpe, agora aceitava o muito mais eficaz contragolpe de Yeltsin, e tratou a Rússia como sucessora natural da morta URSS nas Nações Unidas e em outras partes. A tentativa de salvar a velha estrutura da União Soviética acabara por destruí-la mais súbita e irrevogavelmente do que se poderia esperar. (HOBSBAWM, 1995, p.479)

²¹ Boris Iéltsin: Político da ala democrata, que ocupou o cargo de primeiro-secretário do Partido Comunista em Moscou, e presidente da Rússia, grande crítico e opositor de Gorbachev.

Após o golpe, o processo de desintegração da URSS se acelerou. O partido comunista foi banido na Rússia por Iéltsin, no dia 24 de agosto. Nas semanas seguintes ao golpe, URSS reconheceu a independência dos países bálticos da Geórgia, Armênia, Ucrânia e Bielorrússia.

Esse também se mostrou ser o caso na URSS, onde o colapso do partido e do Estado prosseguiu mais devagar até agosto de 1991. O fracasso da perestroika e a consequente rejeição de Gorbachev pelos cidadãos eram cada vez mais óbvios, embora não reconhecidos no Ocidente, onde a popularidade dele permaneceu justificadamente alta. Isso reduziu o líder da URSS a uma série de manobras de bastidores e mudanças de alianças com grupos políticos e de poder que haviam surgido da parlamentarização da política soviética, o que o tornou igualmente suspeito para os reformistas que inicialmente se haviam reunido à sua volta — os quais ele de fato convertera numa força para a mudança do Estado — e para o fragmentado bloco do partido cujo poder ele quebrara. Ele foi uma figura trágica, e assim vai entrar na história, um “czar-libertador” comunista, como Alexandre II (1855-81), que destruiu o que queria reformar e foi destruído ao fazer isso. (HOSBAWM, 1995, p.475)

Já sem muito proposito, dentro do processo que mostrava cada vez mais evidências de uma possível desintegração, Gorbachev, pensara em criar uma comunidade econômica para manter um elo entre as republicas, mas Iéltsin foi mais rápido e preparou os acordos que culminaram na criação da CEI em 21 de dezembro. Assim, não restando muito o que se fazer, no dia 25 de dezembro, Gorbachev renunciou a seu cargo de presidente da URSS, e naquele dia a bandeira vermelha no kremlin, deixou espaço para a bandeira tricolor da Rússia.

9. Conclusões

A URSS teve grande impacto histórico, em todos os períodos de sua existência, sendo um tema extensivamente estudado, motivo da curiosidade de muitos, onde me incluo, e esse estudo contribuiu para um entendimento da atual geopolítica mundial, em que o leste europeu, principalmente a Rússia, desempenha um importante papel como herdeira da URSS. Propus buscar fundamentos para minhas indagações em relação de sua queda, que não poderia ser caracterizada, unicamente ou primordialmente, pela sua disputa com os norte-americanos pela hegemonia mundial, e no decorrer dos meus estudos, compreendi que os norte-americanos tiveram relevante papel no processo, seja pela continuidade da Guerra Fria, em que impuseram aos soviéticos um grande esforço, para equiparar militarmente a eles, seja pela pressão internacional, para isolá-los politicamente e economicamente, seja simplesmente por ter apoiado Mikhail Gorbachev, quando este estabelecia reformas que mudaram drasticamente

a URSS ou por não terem dado a ajuda econômica, requerida por Gorbachev no encontro do G7 em Londres, o qual poderia ter salvado, ou abreviado a sua desintegração. Enfim, muito tem haver os norte-americanos com o fim da URSS, mas a meu ver, de forma alguma tiveram papel decisivo.

A própria perseverança, talvez por certo egocentrismo e arrogância dos soviéticos em manterem uma corrida espacial, uma corrida armamentista, mesmo em tempos difíceis de estagnação, a própria ignorância em não aproveitar a oportunidade em se modernizar, por comodismo, e finalmente pelas reformas do apaixonado e ingênuo Gorbachev, e por fim, a pessoa certa, no momento certo, no lugar certo, o esperto aventureiro, Boris Iéltsin, trouxeram o fim da URSS. Sendo assim, ao meu ver, os norte-americanos tiveram papel importante, mas não decisivo, que coube aos próprios soviéticos, no processo de desintegração da União das Republicas Soviéticas Socialistas.

10. Referências Bibliográficas

GORBACHEV, Mikhail. **Perestroika, novas ideias para o meu país e o mundo**. 19. ed. São Paulo: Best Seller, 2000.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PLOKHY, Serhii. **O último império: os últimos dias da União Soviética**. São Paulo: LeYa, 2015.

SEGRILLO, Ângelo. **A questão do fardo das despesas militares na economia soviética e sua influência no desenvolvimento da perestroika**: Textos de História, Brasília, v. 5, p.92-117, 1997.

NOVAIS, Anderson Souza. **Perestroika: a influência capitalista na reestruturação e desagregação econômica e tecnológica da União Soviética**. Salvador: UFBA, 2007.

Endereços Eletrônicos

KATASSONOV, Valentine Iúrievitch. O milagre econômico soviético. 2014. <www.hist-socialismo.com/docs/KatassonovMilagreEconomico.pdf>. Acessado em: 20 set. 2018.

<https://www.nytimes.com/1991/12/26/world/end-soviet-union-text-bush-s-address-nation-gorbachev-s-resignation.html>. Acessado em: 21 jul. 2018.

<https://www.marxists.org/portugues/tematica/1991/12/25.htm>. Acessado em: 21 jul. 2018.

